

**REFÚGIO
NO
SÁBADO**

Miriam Leitão

REFÚGIO
NO
SÁBADO

/crônicas



Copyright © 2018 by Míriam Leitão

PREPARAÇÃO
Kathia Ferreira

REVISÃO
Tafs Monteiro
Juliana Pitanga

CAPA, PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Angelo Bottino

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L549r

Leitão, Míriam, 1953–
Refúgio no sábado / Míriam Leitão. — 1. ed.
— Rio de Janeiro : Intrínseca, 2018.
288 p. ; 23 cm.

ISBN 978-85-510-0359-6

1. Crônicas brasileiras. I. Título.

18-49748

CDD: 869.8

CDU: 82-94(81)

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para Matheus

“Eu sei onde tenho o meu coração e por quem ele bate.”
— *Julio Cortázar*

Sumário

Algumas surpresas e muitos lados	13
<i>Ana Maria Machado</i>	
1/Sábado é fim e começo, uma abertura no tempo	17
2/Imprevistos de bastidores	19
3/O poeta e as palavras órfãs	22
4/A vida na cápsula do tempo	25
5/Economia com os netos	28
6/O mistério no escuro	31
7/As cores fortes do sertão	33
8/Mestres encantados	36
9/Era uma vez, numa casa mal-assombrada	38
10/A melancolia lúcida do Carnaval	41
11/Trem noturno para Leningrado	44
12/As Franciscas	47
13/A mulher que entendia a água	50
14/Amigos para sempre	53
15/A tristeza tem seu lugar	56
16/O silêncio presente	58
17/O resto é poeira	60
18/Notícias da mata	63
19/A misteriosa sabedoria das mães	66
20/Os tempos todos da vida	68
21/A chave da felicidade	70
22/A doce fruta da infância	73
23/Indisponível	75
24/Cartas velhas	78
25/Surpresas das crianças	81
26/Vida urbana entre a direita e a esquerda	84
27/O horizonte de Brasília em agosto	87
28/Um tempo para livros e família	89

29/A síndrome que persegue minhas férias	92
30/Um mundo de livros	95
31/Uma família do barulho na Tijuca	97
32/Uma velha aventura na noite do Rio	101
33/O sentinela	103
34/Uma noite em Paris	106
35/Um abraço, meu velho	108
36/Numa rua do Leblon	111
37/Amigos, simplesmente	114
38/Longa jornada noite adentro	116
39/De avencas e delicadezas	118
40/Realidade paralela	121
41/Retalhos do passado	124
42/Em qualquer canto do Brasil	127
43/A paixão da inteligência	130
44/O dia em que Umberto Eco curou minha tristeza	132
45/Carta aos elementos	134
46/Viver em tempos de crise	136
47/Era uma vez na Venezuela	138
48/Uma conversa nada a ver	140
49/A travessia entre dois mundos	143
50/A harmonia das dissonâncias	146
51/Um verso no celular	149
52/O livro do sertão	152
53/Eu diria, se pudesse	156
54/O dia em que escolhi o meu lado	158
55/Andando pelas lembranças do Itamaraty	161
56/O voo do pássaro mais belo	166
57/A vida é assim	169
58/Nos tempos da notícia	172
59/Trem diurno para Deodoro	174
60/O resto é silêncio	177
61/Dias espessos	179
62/Onde temos errado	181
63/A sorte do encontro	184
64/ <i>E la nave va</i>	186
65/Fragmentos de viagem	188

66/A salada digital	192
67/O caderno japonês	194
68/A alegria da véspera	197
69/O elogio da dúvida	200
70/Cancel	202
71/Um dia em Vitória	204
72/Pêndulo da vida	206
73/Os olhos que iluminaram a noite	208
74/A saída impossível	210
75/Fantasmas inativos	213
76/A invasão do sábado	216
77/A natureza do livro	219
78/O futuro das águas	221
79/A vida, o que é?	224
80/Sob o sol do Sul	226
81/O submarino amarelo	228
82/Não ser e ser, o manifesto paulista	231
83/A crônica que não fiz	235
84/Devo de ir... o sol não adivinha	238
85/Viver entre dois mundos	241
86/O louco amor de Maria Pereira	244
87/O medo veio morar ao lado	247
88/A reportagem e a crônica	249
89/O presente do tempo	251
90/Histórias incontáveis	253
91/Por quem a lua brilha?	256
92/Uma praça na lembrança	259
93/A névoa da vida	261
94/Saudade da dissonância	263
95/Nikita, a rainha branca do meu quintal	267
96/A queda	270
97/Guerreiros da vida	273
98/Os fatos da véspera	276
99/Livros, histórias, sensações	278
100/As voltas que darei	281
101/Que tempo é este	283
102/Onde mora o coração	285

ALGUMAS SURPRESAS E MUITOS LADOS

Ana Maria Machado

ESCRITORA E MEMBRO DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Acho que este livro pode surpreender muita gente. Coisa que, de certo modo, não é nenhuma surpresa. Sua autora é mesmo useira e vezeira em surpreender os leitores, sem jamais deixar de ser sempre a mesma, fiel a seus valores. Pois agora Míriam Leitão volta a nos apresentar uma faceta nova em página impressa, por mais que os internautas já a conhecessem. Senhoras e senhores, tenho a alegria de apresentar Míriam Leitão, a cronista.

Jornalista de primeira linha, é uma das mais premiadas do Brasil. Entrevistadora completa e por vezes incômoda, repórter bem informada que consegue arrancar de suas fontes dados novos e significativos, colunista dona de um dos textos mais bem escritos de nossa imprensa, analista inteligente na leitura de entrelinhas, podia se dar por satisfeita com essa consagração profissional. Pois um belo dia nos apareceu com uma obra de ficção: seu romance *Tempos extremos* provou o que uns poucos já desconfiavam. Míriam é uma escritora das boas, capaz de enfrentar e vencer desafios complexos que só a escrita literária propõe. Mais que isso, comprovou que domina as sutis e terríveis dificuldades de atingir públicos diversos: suas obras voltadas para o leitor infantojuvenil vêm acumulando merecidos prêmios.

Pois agora ela nos traz este *Refúgio no sábado*, coletânea de 102 crônicas postadas em blog. Algumas eu já tinha lido, na ocasião em que saíram. Outras estou conhecendo agora pela primeira vez. Lidas em conjunto, confirmam que talento não possui fronteiras e atestam que Míriam Leitão tem plenas condições de ocupar um lugar digno no time de bambas da crônica, gênero que muitos

críticos afirmam ser marca peculiar da literatura brasileira. Pelo menos nos termos em que a entendemos hoje em dia, como texto curto, com considerações aparentemente leves (porém nunca superficiais) sobre tudo e sobre nada. É claro que a gente sabe que, em sua origem, a crônica tinha a ver com relatos cronológicos dos feitos de reis. Mas disso hoje só ficaram os vestígios da relação com Cronos, o deus do tempo. A crônica contemporânea é menos presa a esses aspectos rígidos, embora não viva fora do tempo nem seja atemporal. Mas é um espaço que se destaca na mídia ao não ter compromisso direto com os fatos quentes ou o noticiário pesado do dia. Tem liberdade em relação ao calendário e isso lhe garante melhores condições de permanência.

Talvez por intuição, mas claramente com consciência disso, apesar de não ter uma coluna semanal num jornal como cronista, Míriam estabeleceu uma regularidade para si mesma, ao buscar a tela e as mídias sociais para suporte de suas crônicas. Agora as agrupa em livro, sob um título duplamente eloquente, tanto pela alusão a um *refúgio*, dando uma distância do que vinha cobrindo durante toda a semana no jornal e na televisão, quanto pela ancoragem determinada num ponto bem definido: *sábado*. O único momento em que ela se permite flutuar, se recolher ou se encolher. Revela disciplina, ao criar para si mesma uma obrigação com dia marcado, baseada na certeza de que um certo método é estimulante para a criação. No entanto, é uma obrigação de liberdade, sem pauta nem assunto predeterminado, sem limites de número de linhas.

Parte então para escrever sobre o que a rodeia e o que pensa ou sente: plantas, conversas com os netos, tristezas, celebrações, o muro do vizinho, evocações mineiras, conversas com taxistas e manicures. Fala em música de Luiz Melodia e de Chico Buarque, em poema de Drummond e nas belezas de Guimarães Rosa. Resgata Emma Goldman, uma militante norte-americana que eu adoro e cuja frase tive em um button por muito tempo: “If I can’t dance, I don’t want to be part of your revolution.” Sente falta da lua e se entende com um menino que adora amarelo. Sempre com o estilo a que nos acostumou, de frases elegantes, pontuação exata, ritmo

dócil. Nesse sentido, a cronista Míriam Leitão não é nada surpreendente. Confirma a jornalista que conhecemos bem. Aquela que, ao escrever sobre política ou economia, sempre soube que as coisas têm outro lado, nunca se esgotam em uma visão única, estão em um mundo multifacetado. Diante de seu olhar atento, a versão oficial jamais dá conta da realidade. E é muito enriquecedor para toda a tribo ter alguém que se interesse por manter viva a atenção para isso. Em economia ou em refúgios de sábado.

A menina que tinha 18 anos ao ir de Caratinga para Vitória tinha um sonho secreto e atrevido em seus primeiros tempos de jornalista. Como o Espírito Santo mantinha tradição como terra de cronistas, de Rubem Braga a José Carlos Oliveira, quem sabe ela não conseguiria também se juntar a eles?

Vejam só o que ela conseguiu...

1/ **Sábado é fim e começo, uma abertura no tempo**

Gosto dos sábados. O início das manhãs de sábado lembra as possibilidades: fazer uma caminhada, ler aquele livro que nos encantou ao ser manuseado na livraria ou que acabou de chegar pelo correio, deixar-se levar pelas associações soltas de um poeta, brincar com os netos, conversar com os filhos, encontrar os amigos, ver um filme, ouvir novas músicas e não ter que tomar decisões. Elas podem ser adiadas.

Sábado parece um enclave entre os dias de trabalho e as escolhas inescapáveis. Domingo será sempre o meio do caminho entre o fim de semana e a véspera da segunda, quando tudo, então, recomeça.

Uma longa avenida aparece à nossa frente nos sábados ao nascer do dia. Um tempo todo nosso. Claro, há os que preferem dormir mais, exatamente porque no sábado não têm de ir ao trabalho. Para os que vão trabalhar, há a vantagem do caminho mais livre, do trânsito mais fácil. Há o direito universal à preguiça no sábado, deitar no sofá e nada fazer, ou aquela chance de resgatar todos os atrasados da semana para descansar, sem culpas, no domingo. É o dia de fazer planos com calma, mesmo os irrealizáveis.

Nos sábados da minha infância havia a distribuição das tarefas para deixar a casa brilhando. Varrer, lavar, espanar, encerar, escovar, arear. Muitos filhos, cada um com uma missão, no fim do dia, a casa linda de limpa, minha mãe — que tinha pegado no pesado mais que todo mundo — podia enfim descansar um pouco, contando uma velha história da sua infância na fazenda. Minha irmã, Beth, tocava piano nas tardes de sábado. Assim, musical, a família comemorava o mutirão concluído.

Eu queria muito nesta manhã de sábado que o dia fosse longo, longo, e nele eu pudesse ler todos os livros que estão na minha cabeceira, e escrever tudo o que veio à minha mente e deixei de lado durante a semana. Quero escrever uma crônica sobre o sábado e esse sentimento das possibilidades abertas e do tempo elástico que tive ao amanhecer.

Do poema de Vinicius decorei poucos versos, mas o “porque hoje é sábado” ficou como uma porta aberta avisando que, sim, tudo pode acontecer exatamente porque o dia é hoje.

Sábado é o começo ou o fim, é uma questão de opinião. De religião. Coisa que não se discute. Para mim, é o encontro do fim com o começo, formando um remanso, um refúgio. E, nesse tempo de ninguém, a vida é toda minha. Acordei hoje mais cedo para ver o escuro se esclarecer devagar porque tinha aqui comigo certas inquietações. Quando amanheceu completamente, o incômodo ficou para trás, pertencendo à sexta, que já se foi. Tenho o dia à frente e muito a escolher.

Hoje escreverei sobre o futuro, porque hoje é sábado. Lembrarei sem aflição o passado, porque hoje é sábado. E viverei o presente sorvendo minuto a minuto. Sem pressa. Posso também escrever um caso inventado que não aconteceu em tempo algum. Ou aconteceu. Quem sabe? É sempre bom duvidar da ficção, ela pode ser uma verdade escondida.

Escolhi sábado para estas crônicas do blog só porque assim elas ficam com sabor de intervalo, onde tudo é possível.

E eu posso deixar que as palavras reinem, soberanas e livres. Na crônica de hoje não contei histórias, mas sei de muitas. Nem revelei um segredo, e ouvi alguns. Hoje eu quis apenas explicar, a quem porventura me lê, que o sábado merece ser vivido com prazer e calma. Só porque ele é assim, uma abertura no tempo, por onde você pode escapar do que quiser, encontrar o que sonhou, fazer planos para depois ou decidir por impulso. Pode até nada fazer. Festeje seu sábado, vou festejar o meu.

/3 jan 2015